

O CONCEITO DE DISCERNIMENTO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS

Discernment as a concept on children mental health promotion

Roberto Cacuro¹

Artigo encaminhado: 01/04/2015
Aceito para publicação: 28/02/2016

RESUMO

Tratamos do estatuto privilegiado do conceito de discernimento entre as aspirações humanas primeiramente segundo a perspectiva platônica expressa simbolicamente na sua alegoria da Caverna – que trata da passagem por um sujeito de uma situação de passividade a uma situação ativa na qual ele se torna ator da compreensão de si mesmo e do mundo que o envolve. A psicanálise é chamada a complementar a compreensão da noção de discernimento através do conceito de inconsciente e seus desdobramentos. Advogamos pela atemporalidade da noção de discernimento e sua condição *sine qua non* para a construção e exercício reais da liberdade de ser e de fazer por crianças que sejam objeto de uma intervenção de Promoção da Saúde Mental. Esperamos sensibilizar os profissionais que lidam com saúde pública para a importância do tratamento do conceito de discernimento como referência em suas intervenções (1) na esteira da experiência positiva de uso desse conceito ao longo de quinze anos de trabalho de campo na área de promoção da saúde mental; (2) dados os resultados de pesquisa específica realizada num projeto de pós-doutoramento em torno das referências a balizar as intervenções de promoção da saúde mental. Partilhamos o conceito de discernimento delineado ao longo deste estudo como imprescindível ao alcance dos principais objetivos usualmente propostos nos programas de promoção da saúde mental em geral: a autonomia, o empoderamento e o pleno exercício da cidadania.

Palavras-chave: Crianças; Promoção da saúde mental; Discernimento.

ABSTRACT

¹ Pesquisador do Núcleo de Pesquisa do Laboratório de Saúde Mental Coletiva da Fac Saúde Pública/USP (desde 2013) coordenadores Alberto Olavo Advincula Reis e Fabiola Zioni; Doutor em Saúde Pública FSP/USP (2004); Diplôme d'Études Approfondies e Maîtrise em Economie Politique Univ Paris VIII (1980/82); formação em Psicanálise pelo Instituto A Casa e Sedes Sapientiae (1984/88); Coordenador da Associação GiraSol São Paulo (desde 2009); Acreditación como Entrenador en Relajación Creativa e Relajación Creativa para Niños (2010/11). E-mail: robertocacuro@gmail.com

Firstly, we examine the privileged status of the concept of discernment in terms of human aspirations according to the platonic perspective symbolically expressed in the Allegory of the Cave – where an individual goes from a passive to an active situation becoming an actor in the process of understanding himself and the world around him. Psychoanalysis helps to understand the notion of discernment through the concept of unconscious and the resulting consequences. We advocate the atemporality of the notion of discernment and its *sine qua non* condition allowing children to effectively build and exercise the freedom of being and acting when they experience an intervention of Mental Health Promotion. Our purpose is to make public health professionals aware of the importance of the concept of discernment as a reference in their interventions (1) based on the positive experience resulting from the use of this concept during fifteen years of fieldwork in the area of mental health promotion; (2) considering the results of a research carried out in a postdoctoral project on references demarcating interventions of mental health promotion. The concept of discernment is seen in this study as vital to achieve the main goals which are usually suggested in programs of mental health promotion: autonomy, empowerment and full exercise of citizenship.

Keywords: Children; Mental health promotion; Discernment.

1 INTRODUÇÃO

Para tratar o tema do discernimento evocamos primeiramente o discurso poético dada sua propriedade alegórica plena de significados¹. Afirmamos que se *‘tens olhos, vê com teus próprios olhos, Não olha com os olhos de um tolo ignorante; tu tens ouvidos, ouve com teus próprios ouvidos; Por que ser um juguete nos ouvidos dos imbecis?; Faz da visão tua prática habitual, afasta-te da imitação; Pensa de acordo com teu próprio discernimento.’* Adverte-se, ao mesmo tempo, numa acareação entre verdade e hipocrisia no comportamento do homem, que *‘... as ações externas são guias do que está oculto dentro; às vezes o guia é verdadeiro, às vezes falso; às vezes é ajuda, outras vezes obstáculo.’*²

Com este balizamento inicial estudo um aspecto do trabalho de promoção da saúde mental de crianças: o desenvolvimento de seu *discernimento*, cabendo demonstrar o estatuto privilegiado desse conceito entre as aspirações humanas, e ao mesmo tempo uma condição imperativa para o exercício real da liberdade de ser e de fazer no caso de crianças e seu porvir. Além disso,

² RUMI, J., Masnavi, VI 3342-44 e livro I da trad brasileira, Ed Dervish, RJ, 1992.

propomos que a intenção, objetivos, táticas e ações conscientemente voltadas para o emprego dessa referência pelos responsáveis de uma intervenção exerceriam um papel fundamental nos resultados alcançados em longo prazo, quer dizer na própria conduta das crianças em sua vida adulta.ⁱⁱ Mesmo que, assim fazendo, tenhamos que trilhar a fronteira tênue entre pragmatismo ingênuo - que pode nos aprisionar ao critério de eficácia e desconsiderar desse modo o valor próprio ao exercício do pensamento crítico³; e o mero flandar movido por uma intelectualização utilizada como fim em si mesma, seja ela ensejada pela soberba ou por um mecanismo de defesa mal digerido.

O sentido conferido a esse discernimento encontra-se expresso simbolicamente num trecho de Platão na sua República⁴ - a alegoria da Caverna – que pode ser interpretado como uma passagem por um sujeito de uma situação de passividade a uma situação ativa na qual ele se torna ator da compreensão de si mesmo e do mundo que o envolve.

Diz Sócrates a Glauco: *...imagina a nossa natureza, relativamente à educação⁵ ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência:*

'Suponhamos uns homens numa ... caverna, com uma entrada aberta para a luz... desde a infância, algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões; serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa eminência, por detrás deles; entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro... Visiona também ao longo deste muro, homens que transportam toda a espécie de objectos, que o ultrapassam: estatuetas de homens e de animais, de pedra e de madeira, ...; como é natural, ... uns falam, outros seguem calados... pensas que, nestas condições, eles tenham visto, de si mesmo e dos outros, algo mais que as sombras projectadas pelo fogo na parede oposta da caverna? — E os objetos transportados... se passa o mesmo com eles?— Então, (ao) conversar uns com os outros, ...julgariam nomear

³ Mendonça, R F, Teorias críticas e pragmatismo: a contribuição de G. H. Mead para as renovações da escola de Frankfurt, Lua Nova, São Paulo, 90: 367-403, 2013

⁴ Livro VII, 514a1-517a7, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9ª edição.

⁵ Importante notar que o termo educação nesta introdução à alegoria, na verdade remete ao conceito de Paidéia que se encontra esmiuçado no capítulo sobre o Método, sessão 3 'A Filosofia Platônica'.

objectos reais, quando designavam o que viam... — E se a prisão produzisse também um **eco** ...? Quando algum dos transeuntes falasse, ...eles não julgariam outra coisa, senão que era a voz da sombra que passava?... pessoas nessas condições não pensavam que **a realidade fosse senão a sombra dos objectos**.

— Considera pois o que aconteceria **se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância**... Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz,...sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da **realidade** e via de verdade, ...? ... Não te parece que ele ... suporia que os objectos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam?...

— E se o arrancassem dali à força e o fizessem subir o caminho..., e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até à luz do Sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, ... e, depois de chegar à luz, ... nem sequer pudesse ver nada ...?

—...olharia mais facilmente para as sombras, depois disso, para as imagens dos homens e dos outros objectos reflectidos na água, e, por último, para os próprios objectos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, e o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da Lua, ...— Finalmente, ...seria capaz de olhar para o Sol e de o contemplar, não já a sua **imagem** na água ou em qualquer sítio, mas a **ele mesmo**.

—...compreenderia, acerca do Sol, ... que é o responsável por tudo aquilo de que eles viam um arremedo.

— E então? Quando ele se lembrasse da sua primitiva habitação, e do saber que lá possuía, dos seus companheiros de prisão desse tempo, não crês que ele se regozijaria com a mudança e deploraria os outros?— ... **parece-te que ele teria saudades ou inveja das honrarias e poder que havia entre eles**, ou ...antes sofrer tudo do que regressar àquelas **ilusões** e viver daquele modo?

— *Imagina ainda o seguinte ... Se um homem nessas condições descesse de novo para o seu antigo posto, não teria os olhos cheios de trevas, ao regressar subitamente da luz do Sol?— E se lhe fosse necessário julgar daquelas sombras em competição com os que tinham estado sempre prisioneiros,... acaso não causaria o riso, e não diriam dele que, por ter subido ao mundo superior, estragara a vista, e que não valia a pena tentar a ascensão? E a quem tentasse soltá-los e conduzi-los até cima, se pudessem agarrá-lo e matá-lo, não o matariam?*

— *Meu caro Glauco, este quadro — prossegui eu —deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a **ascensão da alma ao mundo inteligível**⁶, ..., no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a **ideia do Bem**; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para ser sensato na vida particular e pública.ⁱⁱⁱ*

Há uma conexão consistente entre nossa visão do discernimento e o conceito platônico de Paidéia embutido nessa narrativa - o saber enquanto conhecimento do bem e o seu *domínio sobre a alma*; conhecimento esse que *não se restringe a 'uma operação da inteligência*, mas sendo antes a expressão consciente de um ser interior do Homem'; *'fincando raízes numa camada profunda da alma em que já não se podem separar, pois são essencialmente uma e a mesma coisa, a penetração do conhecimento e a posse do conhecido*^{iv}.

Percebendo esse paralelo conceitual produtivo que nos faz infletir o olhar da diversidade das coisas e atitudes concretas manifestas, em favor de uma unidade interior que as preside todas, entenderemos o discernimento delineado

⁶ O que está sendo tratado aqui é a relação percebida por Platão entre o inteligível (as Ideias e as Formas) e o sensível (as aparências e as sombras). Aquilo que é supremo em Platão, o bem divino, é a única coisa que se encontra acima da justiça. Esse bem é comentado no livro VI da República, texto no qual Sócrates usa a metáfora do sol para explicitar a importância do bem no campo do inteligível assim como a importância do sol na dimensão do sensível.

nas metáforas propostas pela alegoria da Caverna como imprescindível ao alcance dos principais objetivos usualmente propostos nos programas de promoção da saúde mental em geral: a autonomia, o empoderamento e o pleno exercício da cidadania.

Buscamos deste modo a estruturação de referências que operem no sentido de propiciar desenvolver o discernimento das crianças envolvidas nas intervenções que objetivam a promoção de sua saúde mental.

Referindo esse tema à saúde pública em geral e à especificidade da saúde mental, e da saúde mental de crianças em particular, bem como à sua promoção; entendemos que agir nesse sentido significa proporcionar às crianças a invenção de possibilidades que se situam além de seu estado presente, provendo-as ao mesmo tempo de instrumentos de autoconhecimento e percepção dos meios de alcançá-las. Ajudá-las a desenvolver um conjunto de atitudes psicossociais e interpessoais, como nomeadas pela UNICEF, de modo que possam *‘tomar decisões com conhecimento de causa, comunicar-se de maneira eficaz e adquirir a capacidade de autogestão que as ajude a viver uma existência saudável e produtiva.’*⁷

De um ponto de vista histórico esses temas têm sido discutidos em instâncias globais há décadas como é o caso da Organização Mundial da Saúde que se refere à saúde mental desde sua Constituição em 1946. Sua formulação mais específica envolvendo o mesmo tema é estabelecida mais de 50 anos depois ao constatar *“there can be no health without mental health”*; passando então a um plano de ação integral sobre saúde mental onde é tratada como *‘um estado de bem-estar através do qual o indivíduo realiza suas capacidades, consegue lidar com o stress normal da vida, trabalha de forma produtiva e frutífera, e tem condições de aportar algo à sua comunidade.’*⁸ Finalmente chegamos à concepção de que:

‘a saúde mental e o bem-estar são fundamentais para a constituição, enquanto seres humanos, de nossa aptidão coletiva e individual para pensar,

⁷ Este é o modo como a UNICEF caracteriza o que chama de Educação baseada na preparação para a vida ativa, em *The Investment Case for Education and Equity*, jan 2015. (os grifos são nossos)

⁸ Constituição OMS: capítulo II, Funções, Artigo 2, Letra M; 2001: ‘Strengthening mental health promotion’; 2005: ‘Mental health: facing the challenges, building solutions’. 2012: Report from the WHO European Ministerial Conference. Copenhagen, Denmark.

*nos emocionar, interagir com outros, de prover às próprias necessidades e usufruir da vida.*⁹

Nomeadamente junto às crianças, de um tratamento genérico da sua qualidade de vida em 1993, a OMS se volta para a promoção do que denominaram na época *'optimum psychosocial development of children'*. Paralelamente se reconhece que a par de suas necessidades físicas 'suas necessidades emocionais e psicossociais também têm que ser preenchidas... *elas precisam de amor, cuidado, atenção e orientação.*'^v

Nesse panorama político-econômico-social no qual orbita a saúde em geral, e a saúde mental em particular, há que referir o modo de operação dos profissionais de saúde pública em sua prática visando gerar saúde mental. Cabe comentar como se concretiza entre nós uma tendência global assinalada pela OMS na conduta dos profissionais da saúde em geral, e daqueles que a planificam, ao colocar em segundo plano as ações de Promoção da Saúde Mental (PSM), pois frequentemente eles se encontram: *"demasiadamente preocupados com os problemas imediatos daqueles que têm uma doença para poder prestar atenção às necessidades daqueles que estão 'bem'... A prevalência de doenças físicas obscurece a consciência acerca dos problemas de saúde mental"*¹⁰ o que termina por alimentar a percepção de que é mais fácil tratar a saúde mental do que promove-la.

Especificamente quanto à saúde mental infanto-juvenil teria havido uma inclusão tardia¹¹ nas políticas públicas brasileiras de saúde ocorrida:

'em primeiro lugar pela complexa teia de problemas relacionados à saúde mental da infância e da adolescência, que inclui desde transtornos globais do desenvolvimento até dependência química... Além do quê o diagnóstico e o tratamento desse segmento populacional exigem a participação de familiares e outros agentes, como os professores. Em segundo lugar somente muito recentemente se produziu um conhecimento sistematizado sobre a frequência,

⁹ Investing in mental health: evidence for action, WHO, 2013. In http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/87232/1/9789241564618_eng.pdf

¹⁰ Atlas: child and adolescent mental health resources, WHO, 2005

¹¹ COUTO, M; DUARTE, C e DELGADO, P. A saúde mental infantil na saúde pública brasileira: situação atual e desafios. Revista Brasileira de Psiquiatria, 30(4), 390-398, 2008.

a persistência e a consequência dos transtornos mentais da infância e da adolescência na vida adulta.¹²

2 HIPÓTESES DE TRABALHO

Trabalhamos com duas hipóteses complementares: **Hipótese (1)** - Assumindo a fecundidade da promoção da saúde mental das populações e do universo infantil em particular é necessário tratar da noção de discernimento propondo a adição, às intervenções de promoção da saúde mental de crianças, de um direcionamento que permita percebê-las enquanto ‘*sujeitos*^{vi} objeto de intervenção’ a partir de sua consciência profunda, sua intenção/intencionalidade. Em uma tentativa de exceder o discurso e a conduta corrente¹³, isso significa eleger o foro interior ou a dimensão intra-individual como foi chamada¹⁴ enquanto instância fundante das intervenções de PSMC. Denota também lidar com a ampliação da noção de instrumento terapêutico, distinguindo-o de terapia¹⁵ nas intervenções de PSMC.

Propomos a ideia da interferência direta dessas referências - pautadas pela busca da realização do discernimento - no alargamento do ‘horizonte de possibilidades’¹⁶ das crianças o qual se tornará responsável por desdobramentos significativos positivos na produção de seu projeto de vida como um todo^{vii} – mantendo como pano de fundo os atos concretos que daí possam decorrer – em termos do equilíbrio relativamente ao todo social que os abarca; ponderando seu grau de harmonização e inserção (que se quer *crítica*) nesse todo e no entorno imediato que as envolve.

¹²A escola promotora de saúde: o estado da arte e o mental na saúde, BARROS DE CARVALHO, D., e MACÊDO SANTANA, J.- VI Encontro De Pesquisa Em Educação Da UFPI – 2010 -

http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.10/GT_10_02_2010.pdf

¹³ Que tenderia a atestar a vigência dessa prática na conduta dos profissionais de PSMC com base em sua intenção explícita.

¹⁴ LEFEVRE, F., O Processo de Constituição do Sujeito, da sua Saúde e de sua Doença, apresentado à FSP/USP para o concurso de Livre Docência, SP, 1995, pp. 169-70.

¹⁵ Discussão com base em CACURO, R., Um paradigma existencial para a promoção da saúde junto a adolescentes no que respeita ao uso e abuso de substâncias psicoativas. São Paulo; 2004 [Tese de Doutorado – FSP/USP], cap. VI. *Therapeuein* – A atitude terapêutica como prática amorosa eficaz ou Do Amor como prática terapêutica eficaz (edição revista).

¹⁶ Expressão que é devedora do ‘campo de possíveis’ de Sartre J.-P., que constituiria a condição própria do homem tal como tratada, por exemplo, na sua *Critique de la Raison Dialectique*, t-I, Paris, Éditions Gallimard, 1960, p 66.

Hipótese (2) - A proposição anterior tem um desdobramento vinculativo incontornável relativamente a todo aquele que se propõe promover a saúde mental das crianças. O que implica a necessidade de um reposicionamento de sua postura também à luz da noção de intenção/ intencionalidade. De fato, toda ação visando produzir autonomia, empoderamento, a garantia enfim do pleno exercício da cidadania (tal como proposto nos documentos de promoção da saúde mental globais e também no Brasil, em particular no Relatório Final da III Conferência Nacional de Saúde Mental¹⁷) contem, como um modo particular de educação para a saúde, uma *função instrumental* ao mesmo tempo em que encerra um *sentido interior*.¹⁸

Essa interioridade, em nossa compreensão, encontra-se intimamente conectada ao próprio ser do discernimento e ao conceito de intenção e seu efetivo emprego, nos incumbindo assim desvelar no interior das ações de PSMC as tramas intencionais que governam a relação entre fins e meios, seu conteúdo e hierarquia.

3 MÉTODO

Para a construção de um esboço dessas referências faço uso de três corpos conceituais, especialmente em seu tratamento da noção de intenção/intencionalidade e dos parâmetros que podem ajudar a definir e operacionalizar a liberdade que pode um homem usufruir ao aproximar-se do referido discernimento.

3.1 Fenomenologia

No interior da formulação original proposta por Husserl – da **consciência** sendo fundamentada na intencionalidade na medida em que ela é **sempre consciência** de *alguma coisa* – nos voltamos especialmente para a distinção entre *intencionalidade do ato* (referida aos nossos julgamentos e posicionamentos voluntários) e *intencionalidade operante*, tal como trabalhada

¹⁷ Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, Brasília, 2002

http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/saude_mental.pdf

¹⁸ Como sustenta SHAH, I., Learning how to learn, Octagon Press, London, 1978, p. 145-146.

por Merleau-Ponty que distingue a *experiência íntima da percepção*, que é uma atividade específica da consciência, *do mundo percebido*, que seria uma construção *a posteriori* da consciência (e da própria ciência).¹⁹ Na verdade, deveríamos atentar para o fato de que quando nos voltamos para nossa própria percepção e passamos daquilo que M.P. chama de percepção direta ao pensamento dessa percepção, nós a re-efetuamos, e nessa situação *‘...eu encontro um pensamento mais velho que eu mesmo trabalhando nos meus órgãos de percepção os quais constituem somente os traços dessa percepção.’*²⁰ O que fica claro na análise do corpo próprio em sua relação com a percepção quando Merleau-Ponty destaca *‘sob a intencionalidade do ato ou thétique, e como que sua condição de possibilidade, uma intencionalidade operante, já em funcionamento antes de qualquer tese ou julgamento...’*²¹

Nessa perspectiva que funda uma anterioridade viva e essencial relativamente aos pensamentos imediatos, e mantendo como eixo central do raciocínio o desenvolvimento possível do discernimento de crianças, há sentido em conservar a discussão entre Merleau-Ponty e Sartre^{viii} em torno da noção de liberdade. Isso num esforço pela busca de um sentido interior da saúde mental como propomos, que funcione como eixo para a estruturação da liberdade para ser humano.

Temos assim, por um lado, a liberdade sendo *‘alçada à condição de absoluto sem qualquer determinação exterior. Não havendo nada que pudesse limitá-la verdadeiramente, a não ser aquilo que a própria liberdade determinasse como limite para suas iniciativas, e o sujeito não teria senão a exterioridade que ele próprio se daria. Visto que é o sujeito ele mesmo que, em sua existência, faz aparecer o sentido e o valor das coisas, e como nenhuma coisa pode atingi-lo senão em se fazendo para ele sentido e valor, não haveria ação das coisas sobre o sujeito, não havendo senão uma significação (no sentido ativo) de caráter centrífugo - do sujeito para as coisas (para o mundo)...’*²² Essa a posição de Sartre que sustenta que *‘o homem, estando*

¹⁹ Merleau-Ponty, M., *Phenomenologie de La Perception*, Paris, Gallimad, 1945, p. XIII.

²⁰ Op. Cit. p. 404

²¹ Op. Cit., p. 490 et 491.

²² CACURO, R., op. cit., p. 88

*condenado a ser livre, porta o peso do mundo inteiro sobre seus ombros, ele é responsável do mundo e dele mesmo enquanto maneira de ser*²³.

Por outro lado, como advoga Merleau-Ponty, a liberdade pode ser percebida não se confundindo com *‘as decisões abstratas da vontade em luta com os motivos ou as paixões*²⁴. Uma tomada de decisão assim caracterizada *‘transcenderia a dimensão da deliberação, e os motivos que a teriam respaldado não poderiam explicá-la, não sendo suficientes nem mesmo para mantê-la. Ao contrário, os motivos extrairiam seu peso de uma decisão já tomada que tem de justificar-se frente ao pensamento explícito*^{ix}. *Não importa qual seja o exemplo de engajamento que se tome, seria vão procurar na deliberação ou no exame dos motivos, aquilo que poderia constituir a essência da liberdade.’* A verdadeira escolha seria *‘aquela que porta sobre nosso caráter inteiro e sobre nossa maneira de ser-no-mundo - que é fruto da combinação ambígua e, por vezes, contraditória de meu movimento em direção ao mundo e do movimento do mundo em direção a mim ... É a este ponto, afirma M. Ponty, que deve ser reconduzido o centro de gravidade da questão da liberdade.*²⁵

Tendo em vista as profundas consequências da adoção (consciente ou inconsciente) de uma ou outra visão sobre esse tema (liberdade) na PSMC impõe-se mais uma vez a discussão acerca da liberdade real de uma criança `vir a ser` algo, amparada por seu crescente (uma vez adequadamente estimulado) discernimento, compreendido como ponto culminante e intenção subjacente a todo esforço de promoção da sua saúde mental.

3.1 Psicanálise

Nossa abordagem com base na Psicanálise neste ponto é norteadada por uma formulação genérica, proposta por Groddeck que elabora a noção de sermos `vividos` por forças desconhecidas e indômitas (o que foi levado às últimas consequências por Freud sendo depois retrabalhada por Lacan e Castoriadis):

“... você (uma suposta paciente) perceberá que sua vida é regida por forças que não aparecem à luz do dia,... o homem é vivido por algo

²³ Sartre, J.P., L'Être et le Néant, Paris, Gallimard, 1947, p. 612.

²⁴ Merleau-Ponty, M. - op. cit., p. 500.

²⁵ CACURO, R., op. Cit., p 91

desconhecido. Existe nele um 'Isso', uma espécie de fenômeno que comanda tudo o que faz e tudo o que lhe acontece. A frase 'Eu vivo...' é verdadeira apenas em parte; ela expressa apenas uma pequena parte dessa verdade fundamental: o ser humano é vivido pelo Isso... Desse Isso conhecemos apenas o que está em nosso consciente, a maior parte dele – e de longe a maior parte! – é inacessível...»²⁶

Em certo sentido tratamos da possibilidade do indivíduo tornar-se consciente de seus determinantes inconscientes como proposto por CASTORIADIS, C.²⁷ Um caminho que nos leva daquilo que não sou (*quando sou o brinquedo de meu pensamento*) a poder pensar e ser o que sou (*quando não creio estar pensando*)²⁸. Uma dimensão que se faz sentir continuamente como alguma *outra coisa*, o 'Isso' de Grodeck, em tantas experiências que vivemos. Conceitos esses através dos quais ampliamos, com as reservas delimitadas pelo incomensurável desse empreendimento, o que chamamos de horizonte de possibilidades das crianças.

3.2A Filosofia Platônica

Trabalhamos desde o início deste texto com o conceito de Paidéia mantido como pano de fundo constante e tendo o papel de orientar, filosófica e eticamente falando, todos os raciocínios desenvolvidos. Estendendo seu entendimento à formação do homem como um todo, a Paidéia se acorda a certos ideais de Justiça entendida como um esforço de *'conformação interior da alma individual em torno de uma ordenação que, na verdade, corresponde à sua própria essência, seu próprio cosmos.'*²⁹ Em acordo com essa ordem cada uma das partes da alma *"faz o que lhe compete tornando o Homem capaz de*

²⁶ GRODDECK, G., O livro do Isso, Carta 2, p 9 e 10, Editora Perspectiva, São Paulo, 1984. O Isso (numa má tradução Id) – ou Ça, tal como traduzido para o francês o que em alemão Freud denominava 'das es' – é um conceito inicialmente forjado por Grodeck. A elaboração feita por Freud consecutivamente o situa numa nova interpretação sobre o funcionamento do aparelho psíquico que se assenta sobre três instâncias: *«Chamamos à mais antiga dessas províncias ou instâncias psíquicas Isso; seu conteúdo compreende tudo o que o ser aporta ao nascer, tudo que foi constitucionalmente determinado, ou seja, antes de tudo, as pulsões advindas da organização somática e que encontram no Isso, sob formas que permanecem desconhecidas para nós, um primeiro modo de expressão psíquica.»*, Resumo de Psicanálise, 1938

²⁷ L'Institution Imaginaire de la Société, Seuil, Paris, 1975 .

²⁸ Lacan, J., Écrits – L'Instance de la Lettre dans l'Inconscient', p. 516-517, Ed. Du Seuil, Paris, 1966.

²⁹ CACURO, R., op. Cit, cap. A questão da liberdade ou Do Significado Profundo da Educação para a Saúde.

*dominar-se e de congraçar numa unidade a multiplicidade contraditória das suas forças internas*³⁰.

Avançando aqui uma formulação genérica que reúne as contribuições desses três campos do pensamento sinteticamente esquematizados em acordo com as duas hipóteses descritas acima relativamente à realização do discernimento nas crianças, podemos dizer que tratamos da intenção de produzir na criança objeto de intervenção de uma ação de Promoção da Saúde Mental (PSM):

‘o pensar em si mesma, pensar no que ela está fazendo em sua vida, no que outros estão fazendo em sua vida, pensar no que ela gostaria de fazer da sua vida, pensar, enfim, no que ela pode efetivamente vir a fazer com sua vida.’

31

Condição em pleno acordo com o sentido profundo do mesmo termo grego *Paidéia* – do verbo *paideuein*, ele mesmo construído sobre a raiz *pais*, criança. Em primeiro lugar, trata-se de um processo educativo que transforma a criança em homem feito, quer dizer, não o processo de crescimento natural que concerne todos os seres vivos, mas mais especificamente o que faz o homem propriamente dito, por oposição aos outros animais, a saber: a « cultura » do espírito, do *logos*, a instrução que desenvolve sua atitude de modo a que venha a fazer parte da ordem do inteligível.³²

Trata-se, lembrando Epicuro, de uma insistência de que todo homem, dia e noite, e ao longo de toda a sua vida deve ocupar-se de sua própria alma – empregando, note-se, ao designar esse ‘ocupar-se’, o verbo *therapeuein* para referir-se aos cuidados médicos que englobam os cuidados com a alma. *do mesmo modo que um remédio que não elimina as doenças do corpo não tem nenhuma utilidade, o mesmo acontece com uma filosofia, se ela não elimina a afecção da alma.*

3. 1.2 Justificativas

³⁰Jaeger, W., op. Cit. p. 811.

³¹Cacuro, R., op, cit, p 113

³²Conforme as Leis, VII, 788a1-2, onde temos a menção de *trophèn* - alimentação - de *trophè*, do verbo *trephein*, que quer dizer « espessar, tornar compacto, engordar », e assim, « alimentar », que concerne todos os seres vivos; ao lado de *paideian* no início de um livro consagrado à « educação » das crianças no sentido amplo; conf. SUZANNE, B., **L'allégorie de la caverne**, http://plato-dialogues.org/fr/tetra_4/republic/caverne.htm, consulta em jan/2015.

Duas proposições, a primeira de caráter lógico dedutiva e a segunda valorativa, uma delas na forma de discurso em prosa outra em versos, demonstram a importância do tema da Promoção da Saúde Mental da Criança (PMSC) sendo que a continuidade da exposição deverá se encadear aos modos que escolhermos para tratá-lo – a introdução do conceito de discernimento e sua presença consciente enquanto intenção/intencionalidade nas intervenções junto a crianças; e um modelo alusivo e indireto que enseja a produção do discernimento junto às crianças.

1ª proposição: *‘A verdadeira medida da estatura atingida por uma nação reside em quão bem ela cuida de suas crianças – sua saúde e segurança, sua segurança material, sua educação e socialização e sua sensação de ser amada, valorizada e acolhida nas famílias e sociedades nas quais nasceram.’*³³

2ª proposição: *‘Muchas de las cosas que nosotros necesitamos pueden esperar/ los niños no pueden, ahora es el momento/ sus huesos están en formación, su sangre también lo está y sus sentidos se están desarrollando/ a él nosotros no podemos contestarle mañana, su nombre es hoy’* (Gabriela Mistral, poeta chilena)

Nessas bases, que nos constroem, aludimos primeiramente à ideia de que a estrutura de base de uma pessoa adulta saudável e produtiva em sua comunidade se inicia quando ela chega ao mundo concebida que foi, consciente ou inconscientemente falando, na profusão dos atributos que os pais lhe predicaram (quando física ou simbolicamente existentes) – estes muitas vezes inconscientemente alienados a esse *‘outrem’* impessoal coletivo que os ultrapassa.

Entretanto, apesar de postulada pela OMS desde sua constituição e particularmente nas cartas de promoção da saúde, fato é que *‘a formação do capital mental individual e coletivo – particularmente nos estágios iniciais da vida – têm sido impedida por um conjunto de riscos à saúde mental de caráter previsível’*.³⁴ É fato que a criança, muitas vezes parece nascer envolta por uma aura de preciosos valores humanos tão propagados nos países ocidentais os

³³ UNICEF, Innocenti Research Centre Report Card 7 ‘Child poverty in perspective: An overview of child well-being in rich countries’ - A comprehensive assessment of the lives and well-being of children and adolescents in the economically advanced nations, 2007.

³⁴ Investing in mental health: evidence for action, WHO, 2013.

quais, no entanto, soam hipócritas dada a ênfase observada na criação de valor monetário dessas mesmas sociedades – ao invés da prevalência no foco na efetiva promoção da saúde e bem-estar dos seus sujeitos.

Ao estender esse raciocínio de modo a abarcar um tempo que antecede a presença física desse novo ser no mundo, anterior portanto à sua concepção, nos localizamos no âmbito da imaginação daqueles que o conceberam. Como diz Lacan, J., um *“polo de atributos, eis o que é o sujeito antes de seu nascimento (e talvez seja sob esse amontoado que ele sufocará um dia). De atributos quer dizer de significantes mais ou menos vinculados em um discurso...(de tal modo que)... sua existência é declarada inocente ou culpada, antes mesmo que ele (o sujeito) venha ao mundo”*³⁵; e complementarmente no imaginário do tecido social que nos engendrou a todos como proposto por Castoriadis, C.: *‘Ele (o discurso de outrem) se constitui, em realidade, no suporte e na condição eficiente da atividade do sujeito. Este suporte e este conteúdo não são, nem simplesmente do sujeito, nem simplesmente de outrem (ou do mundo). Ele é a união produzida e produtora do Eu e dos Outros (ou do mundo)’*³⁶; de tal modo que *‘haveria sempre homologia e correspondência profunda entre a estrutura da personalidade e o conteúdo da cultura, não havendo, pois sentido algum em pré-determinar uma pela outra.’*³⁷

Uns e outros certamente submetidos à história que os precedeu e seus encadeamentos futuros por vezes escravizantes, que criam certos limites a priori a par de certas possibilidades – mais ou menos exequíveis, mas sempre existentes; as duas instâncias, entretanto, sendo percebidas, inalienável e inextricavelmente, livres, em alguma medida, para re-escrever seu Destino – o que acarretaria certa dose de responsabilidade sempre imputável ao indivíduo que resulta da somatória dessas forças.

Essas afirmações são cabíveis seja numa perspectiva da formação fisiológica ou mental de cada ser humano que se vê implicado, antes que possa exercer escolhas, com situações, por exemplo, de subnutrição ou tensão em seu entorno que afetam sua trajetória de vida e podem resultar desde uma

³⁵ In Ecrits, “Remarque sur le Rapport de Daniel Lagache”, Ed du Seuil, Paris, 1966, p. 652/3.

³⁶ In Castoriadis, C. - L’Institution Imaginaire de la Société, Seuil, Paris, 1975 p. 144.

³⁷ Op. Cit., p 38

performance escolar reduzida ou oportunidades econômicas restritas até problemas de saúde física ou mental crônicos (ex. um único episódio grave de insuficiência de ferro na primeira infância³⁸). As coisas se complicam ainda mais quando lembramos que essas condições *‘se estendem aos períodos reprodutivos e à idade adulta, afetando as gerações subsequentes, perpetuando um ciclo de disparidades econômicas e de saúde’*. (BLACK, M. M., HURLEY, K. M., 2014)^x

No caso das crianças, devastadoras são as consequências dessa atitude, socialmente consentida, visto que: *‘as competências dos adultos são determinadas nos anos iniciais da existência (e assim) algumas oportunidades perdidas podem nunca mais ser recuperadas. (inclusive) o custo final, para a sociedade, de um adulto que fracassa na realização de suas mais altas competências será muito maior do que os custos para o cuidado na infância e adolescência. As necessidades das crianças não podem ser postergadas...’*³⁹

Desse modo, em contraposição às referências comumente aceitas impõe-se questionar a eficácia da real efetivação dos chamados *empoderamento, autonomia e pleno exercício da cidadania* nas intervenções de PSMC em geral; não em seu papel de fins a serem alcançados, mas sim quanto aos meios propostos para sua realização e o entendimento de seu significado real.

Portanto, dada a radicalidade da tarefa que nos cabe enquanto agentes promotores da saúde mental tal como descrito no Relatório Final da VIII Conferência Nacional de Saúde em 1986, qual seja: *‘o desenvolvimento pleno do ser humano em sua individualidade’*; essa radicalidade exige a construção e operacionalização dessas referências vitais/existenciais que propomos nas intervenções junto a crianças. Carece perceber-las enquanto sujeitos objeto de intervenção a partir de sua consciência profunda, sua intenção /intencionalidade com vistas à construção de seu discernimento como uma

³⁸ De fato ‘as maiores vítimas são as crianças com idade entre seis e 24 meses, período em que ocorre um crescimento acelerado. A deficiência de ferro tem impacto sobre a capacidade de trabalho de adultos, resposta imune e infecções, podendo também alterar o desenvolvimento psicomotor, o processo de aprendizado e a concentração das crianças’ (Umbelino, D.C. e Rossi, E.A Deficiência de ferro: consequências biológicas e propostas de prevenção, Rev. Ciênc. Farm. Básica Apl., v. 27, n.2, p.103-112, 2006).

³⁹ Atlas: child and adolescent mental health resources: global concerns, implications for the future, WHO, 2005.

direção necessária, e não opcional, a orientar o trabalho de promoção de sua saúde mental.

Isso em oposição ao discurso que usualmente as estratégias de Promoção da saúde enfatizam: a transformação das condições de vida e de trabalho que conformam a estrutura que efetivamente subjaz aos problemas concretos de saúde, uma vez que os principais determinantes da saúde são percebidos como exteriores ao sistema de promoção, prevenção e tratamento da saúde, em si mesmo.^{xi}

Em nosso caso levando às últimas consequências esse projeto do *'desenvolvimento pleno do ser humano em sua individualidade'*, excedemos, englobando-as, as clássicas referências que guiam as intervenções de PS⁴⁰. Trata-se nesse sentido de promover a vida dos sujeitos além das fronteiras comumente concebidas e respeitadas na saúde pública. Essa postura comporta alguns desdobramentos: (1) a necessidade de explicitarmos um ideal de formação integral do Homem coroado pela noção de discernimento referido a sua conduta e comportamento exteriores, tanto quanto a sua atitude interior – ambos, produto de uma disciplina consciente gentilmente estabelecida orientando-o para *'um fim ou uma altura conscientemente desejados e reconectando-se com uma certa unidade interior que implicam forma e tensão próprias, permitindo-o viver sem obsessão, mas continuamente em guarda com os olhos no alvo'*.⁴¹; (2) obriga a que nos conectemos (também **intencionalmente**) com a singularidade de cada sujeito objeto de intervenção no interior de seu grupo de pertinência mantendo como referencia sua consciência profunda, sua intenção; e (3) nos questiona sobre o significado profundo da construção de 'sua' liberdade e autonomia – intimamente conectadas a suas possibilidades de reais autonomia, empoderamento e

⁴⁰ Como já citados, trata-se dos conceitos de cidadania, empoderamento individual e coletivo, e/ou sensibilização da subjetividade individual, que fundamentam grande parte da prática da promoção da saúde, sendo percebidos como sinais de sucesso de uma intervenção – quando os indivíduos alvo provocam alterações em suas vidas, como voltar a estudar, melhorar a qualidade de seus relacionamentos pessoais ou sentir-se mais à vontade para expressar seus pontos de vista na comunidade em que vivem, permitindo o incremento de sua consciência em termos de direitos e deveres que lhes cabe assumir.

⁴¹ JAEGER, W., Paidéia - A Formação do Homem Grego, Martins Fontes, SP, 2001, p 570; citado por CACURO, R., op. Cit., p. 7.

exercício da cidadania (construção essa buscada/ensejada por aqueles que obram a 'seu' favor).

Ao mesmo tempo, as questões que essa perspectiva levanta exigem a discussão dos *meios* que permitiriam a operacionalização de práticas de saúde pública que considerem a envergadura de um empreendimento que visa um ponto tão alto do desenvolvimento humano e deve levar em conta a intencionalidade ('operante') dos sujeitos objeto de intervenção e de seus 'educadores', ao mesmo tempo em que mantêm em perspectiva as atitudes concretas potencialmente decorrentes – o que certamente ocorre, mas se situa fora do escopo deste trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Como um espelho minh'alma revela segredos;
Posso calar, não posso não saber...”⁴²*

A noção e a prática da promoção da saúde, em particular a promoção de saúde mental, tem adquirido uma posição de destaque no interior dos programas de saúde pública, dadas as profundas e rápidas transformações ocorridas no perfil demográfico e epidemiológico da população e também ao nível das perspectivas epistemológicas nesse campo. Tal como postulado desde suas primeiras formulações (Carta de Ottawa, 1986) e consolidado desde então, qualquer ação visando promover a saúde implica necessariamente o protagonismo dos sujeitos de cuidado, adquirindo especial relevo a participação dos sujeitos de cuidado no próprio cuidado^{xii}.⁴³

Uma vez que a saúde não pode ser reduzida a uma análise puramente factual e descritiva, porquanto o funcionamento fisiológico não patológico de um sujeito não esgota suas possibilidades enquanto ser humano^{xiii}; cabe

⁴² (RUMI, J., Poema “Faço-me chuva”, seleção de poemas do Divan de Shans-i Tabriz, São Paulo, Attar, 1996, p. 98.

⁴³ Condição já presente em referências anteriores à formulação da estratégia de promoção de saúde seja na própria constituição da OMS ou no campo da saúde comunitária, por exemplo.

concebe-la como referenciada também a um conjunto de valores, eles próprios não redutíveis a algo que poderia ser chamado de ‘fato puro’.^{xiv}

Nesse sentido, a definição de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS), em que pese continuarmos distantes dessa proposição ideal, tem o mérito de reunir essas duas perspectivas ao qualificar a saúde *‘não apenas como a ausência de doença ou enfermidade, mas um estado de completo bem-estar físico, mental e social’*⁴⁴, dependente ainda da *‘capacidade de tomar decisões e de ter controle sobre as circunstâncias da própria vida’*. Identificando-a, pois, a um estado positivo de bem-estar, a saúde estaria referida não apenas à ausência de restrições à saúde ou a um suposto funcionamento normal estatisticamente determinado. Neste ponto, forçoso nos é conceder que a saúde exceda o funcionamento ‘correto’ do indivíduo, ela concerne como diz LECHOPIER, N.^{xv}, *‘nossas capacidades de agir, ela diz respeito ao que uma pessoa é capaz de fazer e de ser’*.

A conceituação dada pela OMS acerca do significado da saúde tem acarretado políticas que visaram reforçar a capacidade individual e coletiva de agir sobre os chamados determinantes sociais da saúde⁴⁵. Restando muito a fazer, é inegável que o reforço dessa capacidade de atuação sobre forças exteriores aos sujeitos tem gerado ganhos na melhoria da saúde da população como um todo.

Levando em conta os desenvolvimentos ulteriores da conceituação da saúde chegamos a propor aos sujeitos *‘a realização dos mais altos padrões de saúde, bem-estar e equidade em todo o mundo/universal através de através de uma atenção criteriosa relativamente aos sistemas humanos — político, econômico, e social—que molda o futuro da humanidade’*⁴⁶. Tratar com seriedade o atingir desse ‘highest attainable standard of health’ nos convocou a interrogar, neste trabalho, o desenvolvimento dos sujeitos relativamente, justamente, à sua ‘capacidade de ser’, o que exigiu uma aproximação com o que denominamos suas ‘forças interiores’. Nesse sentido, o que se pretendeu foi discutir propor e analisar a noção de discernimento como complementar à

⁴⁴ WHO. Constitution of the World Health Organization, Geneve, World Health Organization, 1946.

⁴⁵ Como discutido, por exemplo, no doc OMS: Diminuindo diferenças: a prática das políticas sobre determinantes sociais da saúde, Conferência Mundial da Saúde, RJ, 2011.

⁴⁶ The Lancet Commissions, ‘Safeguarding human health in the Anthropocene epoch: report of The Rockefeller Foundation’, Vol 386 November 14, 2015.

fomentação da participação e protagonismo exteriores ao sujeito (e seu corolário necessário).

Sabe-se que a participação dos sujeitos objeto de cuidados, ou em outros termos o protagonismo dos sujeitos no âmbito das estratégias de cuidado, podem merecer diversas críticas. Dentre elas destacam-se, por exemplo, aquelas que denunciam a “participação” ou o “protagonismo” como uma estratégia para preencher o vácuo deixado por um estado liberal no atendimento às demandas populacionais; ou ainda as críticas quanto à responsabilização do sujeito por sua doença – que seria derivada de seu ‘estilo de vida’. Centradas sobre a noção de que as escolhas individuais determinam a saúde, essa visão tem pouca sustentação bastando lembrar que mesmo escolhas corriqueiras sobre *‘o que comer, permitir ou não que as crianças vão caminhando para a escola, ou quais tipos de produto lhes são oferecidos, na realidade, com frequência são muito limitadas’*^{xvi}. Esse ‘estilo de vida’ na verdade acaba sendo fortemente assentado como resultado de políticas de governo, estratégias empresariais e pelas iniquidades sociais que atuam em diversos níveis; sem contar fatores endógenos como a genética.

Concebendo, porém, essa participação/protagonismo não apenas como um meio, mas como indício da realização do sujeito enquanto tal – de sua capacidade de *ser* – e, neste caso, como realização do estado de saúde concebendo-o em termos abrangentes como acima disposto, percebe-se o quanto essa participação/protagonismo pode ser vista como positivamente integrante das ações de promoção de saúde, e de saúde mental em particular. Essa premissa pede uma melhor qualificação desses conceitos, o que pôde ser feito, em alguma medida, por sua agregação ou seu pareamento com a noção de discernimento.

Correntemente, entende-se por discernimento: *perceber claramente; distinguir, diferenciar, discriminar: <a ação correta>, <o bem do mal>; perceber, entender: <as consequências de uma ação>; formar juízo; apreciar, julgar, avaliar; enfim, identificar (algo) com conhecimento de causa.* (Dicionário Houaiss) Adverte-se, entretanto, que seu exercício necessita de ‘critérios’, quer dizer normas, um modelo de valores ou princípios que sejam considerados com suficiente autoridade moral: derivados de tradições, filosofias, ou preceitos

culturais, sociais, ou religiosos; que possibilitem conhecer/prever a consequência ou inconveniência das coisas que se apresentam ao julgamento.

Na tentativa de amplificar a compreensão sobre esse tema acessamos o ponto de vista da filosofia em suas origens, onde somente o discernimento (*phronesis*) teria o poder de guiar corretamente o agir – não expressando apenas uma função do intelecto, ele é inseparável de uma característica emocional e de uma tendência à ação. Percebemos desse modo que não se tratava do simples pensar – ainda mais que, num outro contraponto com a Psicanálise, mesmo ‘ça pense, ça pense plutôt mal mais ça pense’ [*Isso (Id) pensa, talvez pense mal, mas Isso (Id) pensa*⁴⁷] ^{xvii}. Trata-se de pensar de modo saudável, dominando os sentidos, opondo-se ao pensamento patológico (*paraphronein*) ou delirante (*mainesthai*).^{xviii} Através da alegoria da Caverna e seus desdobramentos no âmbito da evolução do sujeito adicionamos uma expressão simbólica na tentativa de aclarar esse conceito.

Voltados para a condição infantil e adolescente e a promoção de sua saúde mental tal como preconizado, por exemplo, pelas Nações Unidas ⁴⁸ postulamos o discernimento enquanto condição *sine qua non* para o exercício real de sua liberdade de ser e de fazer; ao mesmo tempo em que evidenciamos que a intenção consciente do emprego dessa referência pelos responsáveis de uma intervenção exerceria papel fundamental na vida das crianças quando adultos.

Mantendo a perspectiva da saúde da mente (e não dos transtornos mentais e sua prevenção), a urgência e possibilidade concreta de realização do caminho proposto, e partindo do esquema conceitual e prático sugerido acima é possível pensar na caracterização e operacionalização do conceito de discernimento de modo a torná-lo utilizável em programas de PSMC por profissionais das mais diversas formações. Em nome dos desdobramentos

⁴⁷ A mudança da estrutura da frase é minha, entretanto, como diz Lacan: ‘Freud descobriu que sem que nele pensemos,..., o Isso (Id) pensa. **Isso (Id) pensa talvez mal, mas Isso (Id) pensa de um modo consistente**: pois é nesses termos que ele nos anuncia o inconsciente: pensamentos que, mesmo que suas leis não sejam exatamente parecidas com aquelas presentes em nossos pensamentos diários sejam eles nobres ou vulgares, são perfeitamente articulados.’ *Ecrits, D’une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*, Ed du Seuil, Paris, 1966, p. 538.

⁴⁸ Tomando apoio na vontade de por um fim às ‘*the preventable deaths of women, children and adolescents everywhere and create a world in which, for the first time in history, all can flourish and reach their full potential.*’, Foreword from the UN Secretary-General Ban Ki-moon para *The Global Strategy for Women’s, Children’s and Adolescents’ Health (2016-2030)*.

potenciais derivados da utilização desse conceito junto às crianças, a ideia é ultrapassar as eventuais barreiras preconceituadas (teóricas e outras) com a proposição de instrumentos que tornem prescindível sua compreensão na profundidade teórica que ela pode alcançar.^{xix}

Isso levando em conta nossa aspiração maior, qual seja: contribuir para a construção de um caminho de vida para as crianças objeto de uma ação de PSM, estimulando-as a apoiar-se em seu crescente discernimento interior de tal modo que se verifique mais uma vez a indicação contida no ditado que afirma que *“o homem deve estar no mundo, mas não ser do mundo”*.

Assim fazendo, postulamos para as intervenções junto às crianças uma referência constante à sua formação a um nível profundo (e não somente sua conformação a referências exteriores), sua conexão consigo mesmas, a percepção da “ciência da unidade” como chamava Sócrates ao tratar metaforicamente o caminho de seu desenvolvimento, pois cabe ao homem:

*“ascender constantemente, indo de um só corpo, (...) a todos os corpos belos e destes às belas normas de conduta, e destas às belas ciências, (...) até chegar a essa ciência de antes (a ‘ciência da unidade’ como ele chama em 211 a/b), que não é ciência de outra coisa senão da beleza absoluta, e chegar a conhecer por último o que é a beleza em si.” (211 e/212 a).*⁴⁹

De fato é legítimo propor que ao homem seja imprescindível conectar-se com seu “ser essencial” como podemos chamar, única fonte segura para que se propicie a edificação de uma *certeza constante*, em cada indivíduo inserido que está em seu entorno de referência, quanto ao desenvolvimento possível das capacidades que lhes são próprias – capacidades essas libertas dos significados culturais correntes e próximas do que há de mais essencial em cada criança, em cada um de nós.

O fundamento desse caminho será encontrado numa perspectiva de liberdade que se faz real ao aceitarmos que o mais comum dos sujeitos *“estende-se muito além daquilo que o indivíduo sente ‘subjétivamente’; em termos exatos essa extensão depende da verdade que ele pode alcançar”*⁵⁰. Em segundo lugar não abandonando, sem elidir os enormes obstáculos a

⁴⁹ Como diz Platão no seu ‘Banquete ou do Amor’

⁵⁰ Lacan, J. – Écrits, “Fonction et champ de la parole et du langage”, Paris, Seuil, 1966, p. 265

serem transpostos próprios à direção escolhida, a intenção de construção de seu discernimento permeado pela liberdade que lhe cabe de *‘reordenar as contingências passadas concedendo-lhes o sentido de necessidades futuras...’*⁵¹

Utilizando-nos mais uma vez da linguagem filosófica podemos dizer que nosso projeto para a PSMC remete, como propõe Sócrates em sua defesa na Apologia, a incitar a outros, em nosso caso as crianças (mas, condicionalmente sobretudo a nós mesmos), a ocupar-se de si mesmos, a cuidar de si mesmos e não ser negligentes consigo mesmos.

Nossa ocupação, parafraseando Sócrates, seria persuadí-los de que *‘antes mesmo do cuidado com o corpo e do acúmulo de riquezas, antes de qualquer outro cuidado, (encontra-se) o cuidado com a alma e com seu aperfeiçoamento’* – mesmo conscientes, como o adverte Sócrates, que *‘enfurecidos tal como as pessoas que acordamos quando elas desejam continuar dormindo, (vocês) me agridam... e depois recaiam para sempre num sono letárgico’*^{xx}

De todo modo, nessa ação de incitar a que sujeitos objeto de uma intervenção de promoção da saúde mental se ocupem de si mesmos, propomos que esse ‘cuidado de si’ seja considerado como o tempo do primeiro despertar. Que ele se situe exatamente no momento em que os olhos se abrem, onde saímos do sono, onde temos acesso aos primeiros raios de luz...’^{xxi}

REFERÊNCIAS

ⁱ Nesse nosso percurso, dado o caráter em certo nível valorativo e, portanto, político que envolve a questão da promoção da saúde mental, ademais de crianças, o discurso lógico-racional será acompanhado de uma linguagem metafórica ou analógica na tentativa de propiciar um entendimento mais essencial dessa situação. (Ver a esse respeito CACURO, R., Um paradigma existencial para a promoção da saúde junto a adolescentes no que respeita ao uso e abuso de substâncias psicoativas. São Paulo; 2004 [Tese de Doutorado – FSP/USP], cap. I V, Materiais e Métodos – A Forma de exposição da tese, edição revista)

⁵¹Lacan, J. Op. Cit, p 256. Lacan alude aqui à anamnese psicanalítica que não trataria de realidade, mas de verdade, fruto do que ele chama de *parole pleine*. Nesse texto Lacan trata da *‘parole vide’* que não compromete/engaja o sujeito; por exemplo, uma palavra que transmite informação. Ele a distingue da *‘parole pleine’* que por sua vez, quando proferida, teria consequências tais que provocariam reais transformações no sujeito/analizando.

ⁱⁱ Exemplos de resultados positivos nessa linha de trabalho: *Perry Preschool Project* (High-quality preschool for children from disadvantaged backgrounds/EUA) – realizado entre 1962 e 1967 provendo educação pré-escolar de alta qualidade para crianças Afro-Americanas de 3 e 4 anos vivendo em estado de pobreza; acompanhadas aos 27 anos e também aos 40 anos de idade em conjunto com um grupo controle; *Abecedarian Project* (High-quality childcare/preschool for children from disadvantaged backgrounds/EUA) – promovendo a educação precoce para crianças pobres foram estabelecidos quatro grupos de indivíduos nascidos entre 1972 e 1977; seu progresso foi monitorado aos 12, 15, e 21 anos demonstrando benefícios cognitivos (leitura e matemática) além de maior envolvimento escolar e por mais tempo; 60% mais tempo cursando a Universidade; menor porcentagem de pais precoces; redução de envolvimento em crimes.

ⁱⁱⁱ Entenda-se que o Bem para Platão, segundo RAVEN, J. E. é: *‘em primeiro lugar, e com mais evidência, a finalidade ou alvo da vida, o objeto supremo de todo o desígnio e toda a aspiração. Em segundo lugar, e mais surpreendentemente, é a condição do conhecimento, o que torna o mundo inteligível e o espírito inteligente. E em terceiro, último e mais importante lugar, é a causa criadora que sustenta todo o mundo e tudo o que ele contém, aquilo que dá a tudo o mais a sua própria existência.’* Conforme nota p. XVII da República, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 9ª edição.

^{iv} Conforme tratado por JAEGER, W., *Paidéia A formação do homem grego*, Martins Fontes, SP, 2001, p 565/566/568.

^v *Measurement of Quality of Life in Children*, WHO, 1993; *Improving Mother/child Interaction to Promote better Psychosocial Development of Children*, WHO, International child development programmes, Oslo, 1997.

^{vi} Interessante notar que o significado etimológico de "sujeito" nos leva em primeiro lugar à acepção daquele que *depende*; o sujeito nesse sentido é literalmente aquele que é "colocado abaixo" (do latim sub- jacere), ou "subjectus", aquele que está sob a autoridade e assim, encontra-se submetido.

^{vii} *‘O homem, qualquer que seja sua situação inicial, é um imenso campo de possíveis e sua existência contingente tomará as feições que somente sua ação poderá lhe conferir’...* uma vez que, como propõe MARTUCCELLI, D. : *‘Sartre rebateza como simples "situações" aquilo que outros - Freud, Durkheim, Bourdieu... – chamam de determinismo’* (Une sociologie de l’existence est-elle possible ?, p. 9, *SociologieS* [En ligne], Théories et recherches, mis en ligne le 18 octobre 2011, acessado em 01/12/2014. <http://sociologies.revues.org/3617>); ou tal como percebe CANTO-SPERBER, M. *‘O que parece comum às diversas consciências tem a ver com sua situação, quer dizer a limitação própria a qualquer campo de possíveis singulares. Essa finitude remete é certo a modos comuns de consciência, mas isso deriva do fato que cada consciência projeta o ultrapassar dos limites que ela encontra.’*; Dictionnaire d’éthique et de philosophie morale, tome 2, 4e édition revue et augmentée, Paris, PUF, coll. “Quadrige/Dicospoche”, 2004.

^{viii} SARTRE, JP, *L’Être et le neant*, Paris, Gallimard, 1947.

^{ix} Cabe uma melhor caracterização da diferença existente entre consciência espontânea e vontade. Com efeito, enquanto a primeira assume o caráter de uma tradução mais ou menos fiel para o real do projeto fundamental do sujeito - sua escolha original como diz Sartre - a deliberação voluntária ao

contrário pode mostrar-se numa atitude que “aparentemente” persegue um objetivo que contrarie o projeto fundamental do sujeito – como tratado em SARTRE, JP, Saint Jenet comédien et martyr, Paris, Gallimard, 1947.

^x Investment in early childhood development, The Lancet, Volume 384, Issue 9950, Pages 1244 - 1245, 4 October 2014

^{xi} A Conferência Internacional sobre PS de Ottawa (1986) já postulava a saúde enquanto qualidade de vida resultante de complexo processo condicionado por diversos fatores, tais como alimentação, justiça social, ecossistema, renda e educação - sendo que no Brasil essa conceituação ampla de saúde é incorporada, também em 1986, ao Relatório Final da VIII Conferência Nacional de Saúde.

^{xii} Que aproximamos do ‘cuidado de si mesmo’ tratado por FOUCAULT, M. op. cit.

^{xiii} CANGUILHEN, G., O normal e o patológico, 6ª edição, Ed Forense Universitária, 2009

^{xiv} Em termos propriamente humanos, estes seriam processos que se desenvolveriam na 3ª pessoa – o que acarretaria uma contradição em termos numa perspectiva humanístico-fenomenológica; seria como realizar experimentos em Física deixando de lado as descobertas propiciadas pela física quântica, particularmente a implicação do sujeito na observação de um experimento e as alterações daí decorrentes no comportamento do ‘objeto’ observado.

^{xv} Quatro tensões na saúde pública, Estud. Av. vol.29, no. 83, São Paulo, jan./abr. 2015, <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142015000100011>

^{xvi} NUFFIELD Council on Bioethics. Public health: ethical issues. London: Nuffield Council on Bioethics, 2007, <http://nuffieldbioethics.org/wp-content/uploads/2014/07/Public-health-ethical-issues.pdf>

^{vi} O Isso (numa má tradução Id) – ou Ça, tal como traduzido para o francês o que em alemão Freud denominava ‘das es’ – é um conceito inicialmente forjado por Groddeck. A elaboração feita por Freud consecutivamente o situa numa nova interpretação sobre o funcionamento do aparelho psíquico que se assenta sobre três instâncias: «*Chamamos à mais antiga dessas províncias ou instâncias psíquicas de Isso; seu conteúdo compreende tudo o que o ser aporta ao nascer, tudo que foi constitucionalmente determinado, ou seja, antes de tudo, as pulsões advindas da organização somática e que encontram no Isso, sob formas que permanecem desconhecidas para nós, um primeiro modo de expressão psíquica.*», Resumo de Psicanálise, 1938

^{xviii} Como propõe AUBENQUE, P.. A, a *phronesis* necessita de cuidados e conduta adequada, tendo como sua salvaguarda a *sophrosyne* (a contenção dos prazeres do corpo), aliás, palavra da mesma família. A aproximação entre *phronesis* e *sophrosyne* não se reduz à etimologia. Ambas acabaram por evocar uma ideia de justa medida e de moderação. Em sentido estrito a *sophrosyne*, a contenção dos prazeres do corpo, reunida à *phronesis*, inclui comedimento na vida pública e privada, assim como na atitude do homem diante de seus próprios limites (o exercício da restrição pareado com a paciência consigo mesmo*), para com os outros e para com os deuses. A *sophrosyne* busca evitar o excesso (*hyperbole*), a desmesura (*hybris*) e o desejo de ter mais do que o que lhe é devido (a *pleonaxia* do rei Midas*). Tanto a *phronesis* quanto a *sophrosyne* remetem a uma noção de equilíbrio e limite

adequado; no caso da *phronesis*, são os limites do saber dado pela consciência da própria condição humana. Com o passar do tempo, passou cada vez mais a significar também esse pensamento sadio que se exerce no exato modo como seja preciso, passando a extrapolar a designação de uma inteligência para contemplar também uma virtude. A *phronesis* é algo como uma “dieta/regime” da inteligência, a saúde de um organismo que desabrocha na restrição e na medida adequada de proceder conhecendo suas limitações. (em *A Prudência em Aristóteles*, 2003, Trad. Marisa Lopes. São Paulo, Discurso Editorial, 2003, p. 253/4-257). *O sinal * indica minhas reflexões próprias.*

^{xi} A descrição de um instrumento que atende a essa condição encontra-se, por exemplo, em CACURO, R. e cols., *Relaxamento criativo e contos-ensinamento na promoção da saúde e redução da ansiedade e depressão em ambiente laboral*, 10º Congresso da International Stress Management Association – Porto Alegre, 2010.

^{xx} *Apologie de Socrate in Platon, OEuvres complètes, tome I, trad. M. Croiset, Paris, Les Belles Lettres, 1920, 30b e 31a.*

^{xxi} FOUCAULT, M., op. Cit., p. 5